JOAQUIM DE ARAUJO

LIRA INTIMA

LISBOA
EMPREZA HORAS ROMANTICAS — EDITORA
Rua da Atalaya, 42, 1.º andar

MDCCCLXXXI

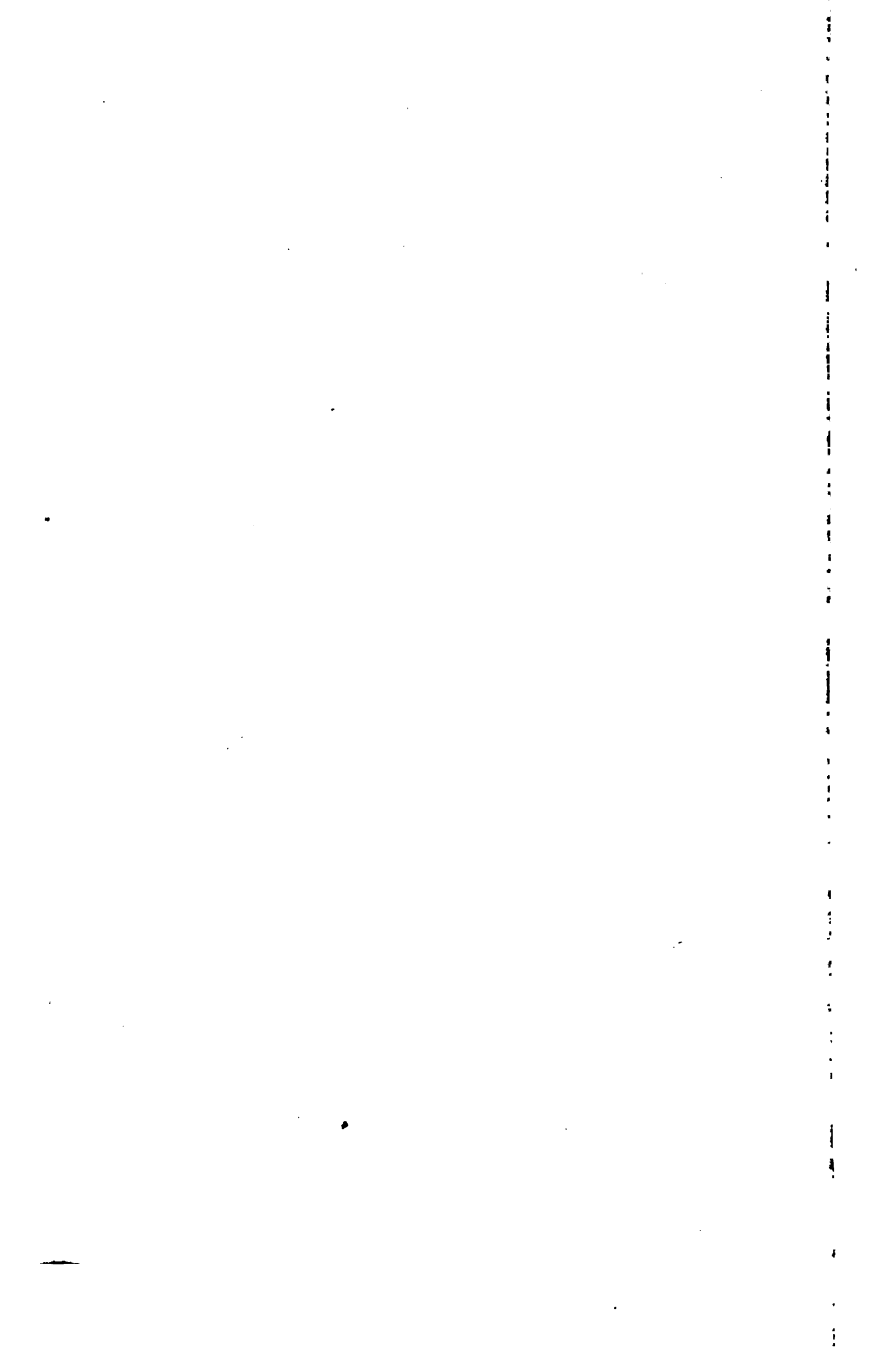
JOAQUIM DE ARAUJO

LIRA INTIMA

LISBOA

EMPREZA HORAS ROMANTICAS — EDITORA

Rua da Atalaya, 42, 1.º andar

MDCCCLXXXI

LIRA INTIMA

V.

Lagryma celeste!
Pérola do mar!

João de Deus.

SIMPHONIA

—

I

QUANDO passa a Primavéra,
Com seus surrisos profundos,
Beijando os ninhos,—uns mundos
Cubertos de folhas de hera,

Ha um infindo concerto,
Que reanima e que dá força,
Como a fonte no deserto
Ás correrias da corça.

A Natureza derrama
Ás mãos cheias — alvoradas,
Mais luzentes do que a escama
Das armaduras doiradas.

Ha scintillações graciosas,
Que tu, Sciencia, não sondas,
E surgem Venus formosas,
Á flôr convulsa das ondas.

Os cedros, como os ciprestes,
Perdidos na solidão,
Sentem que tu os não vestes
Dum fato em primeira mão.

Anda na dôce athmosphera
Um largo efluvio de amôr,
Que vai do homem á féra,
Que vai do tigre ao condôr.

Soltando os canticos de oiro,
As aves, na immensidade,
Riem com amplo desdoiro
Da nossa sinceridade,

Ou, então, em serenatas
Á terra lançam a mágua,
Como cahem das cascatas
Os jorros limpidos de agua.

Na correnteza dos rios
Ha o bom humôr satisfeito,
E os vélhos chorões sombrios
Já lhes não choram no leito.

Não ha notas apagadas
Nesta infinita harmonia,
O arvoredo das estradas
É bom de noite e de dia.

Tudo é vida! tudo canta
Num largo côro divino,
Da mais pequenina planta
Sahem os sons do violino.

Vibram musicas estranhas
Sobre as mais altas cumieiras,
Desde os valles ás montanhas
Desfralda abril as bandeiras.

E juvenil, e valente,
Sem um só grito de guerra,
Obtem pacificamente
Todo o dominio da terra.

Minha Musa! a Primavera,
A loira e meiga princesa,
Quando chega, tem á espera
A expansão da Natureza.

Como é bella! como é grande,
Cheia de immenso esplendôr,
A boa mãe quando expande
Mil oceanos d'amor!

II

Ó minha Musa gloriosa,
Que me alentas, que me animas,
Dando-me á estrofe radiosa
A pompa ingenua das rimas.

Tu que és bella e que és serena,
Como as castas madrugadas,
E entras comigo na arena
Das grandes lutas sagradas,

A batalhar formidavel
Na immensa e fecunda liça,
Onde altiva e inexhoravel
Brilha afinal — a Justiça,

Tu que vais comigo ao pleito,
Que o fraco tem contra o forte,
E oppões heroica — o Direito
Á tirania da Sorte —

Ó minha Musa severa!
No caminho do Ideal,
Achei hoje a Primavera
No lirio mais virginal.

E como um indio, que adora
O sol no topo dum monte,
Vamos soletrar a aurora
Naquella timida fronte.

Vamos soletrar a custo
A essencia das coisas bellas,
Num largo canto robusto,
Todo orvalhado de estrellas.

ETERNO FEMININO

La femme c'est une religion.
MICHELET.

Eu não cultivo a flôr setinea e bella,
A flôr sentimental,
Que ha vinte annos abriu, rosa singela,
Em pleno madrigal.

Não canto os olhos tristes de Leonora,
Debaixo do balcão,
Porque os balcões misérrimos d'agora
São feitos de cartão.

Não vou ao guarda roupa das Cruzadas,
Buscar essas visões
De castellans e moiras incantadas,
De pagens e truões.

Nem vejo pelas múrmuras devezas,
Da lua ao doce alvôr,
Vultos errantes de gentis princezas,
Soluçantes de dôr.

A minha fina esthetica moderna,
Porém, faz-me acceitar
O Amôr—essa canção febril e terna,—
Que nunca hade acabar.

E—lirio bom!—ao entrever teu vulto,
Meu doido coração,
Como quem dum sarcofago sepulto
Se levantasse então,

Inundam-no canções desconhecidas,
Idilios virginaes,
Como pombas que poisam doloridas
Nos vastos pinheiraes...

REVELAÇÃO

CONTARAM-ME que tu, meiga criança,
Que tens no suave olhar intelligente
Toda a alegria duma pomba mansa,
Que vôa docemente,

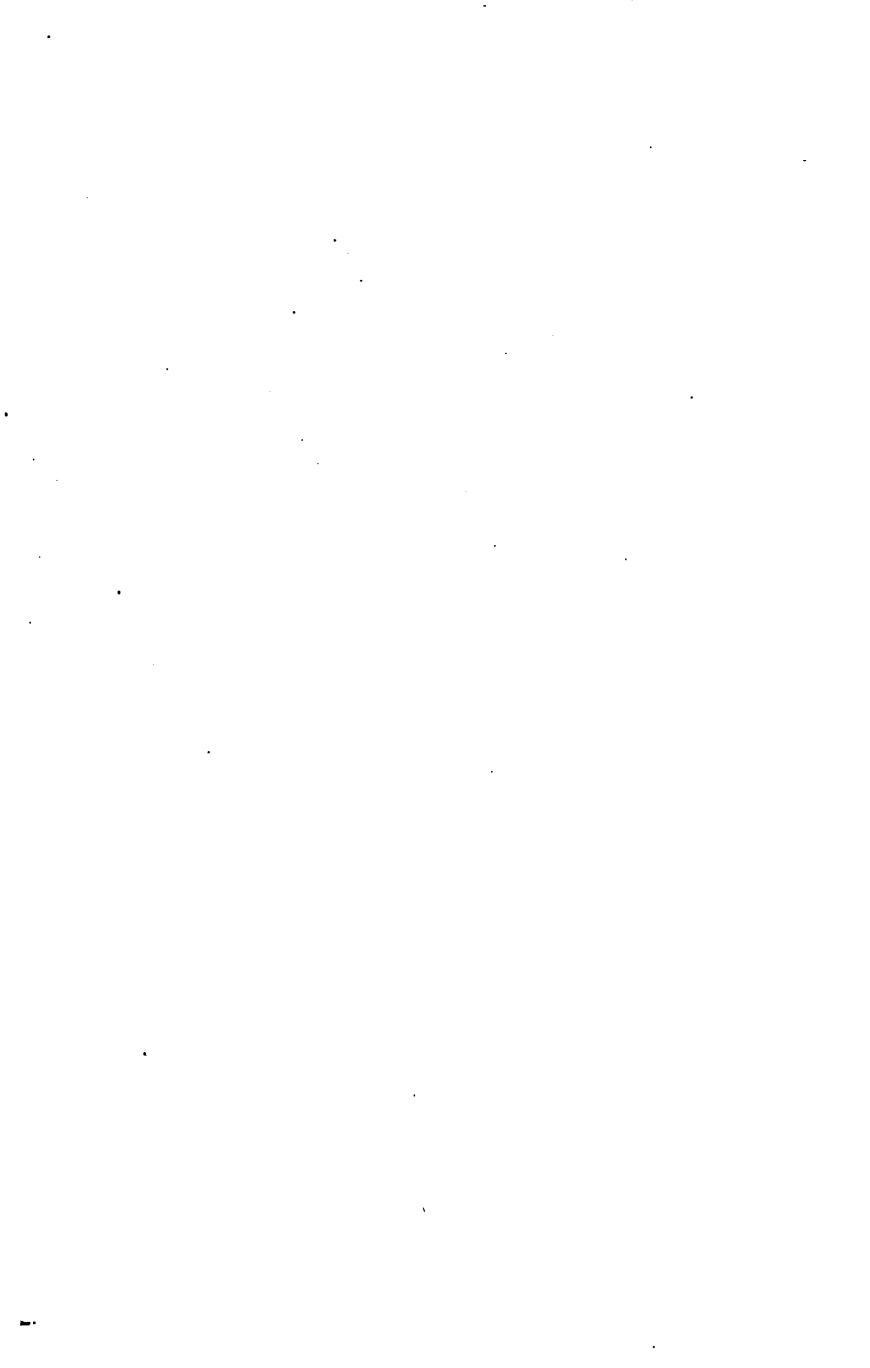
Lendo não sei que linhas que eu rimára,
Pobres versos, simplissimos, banaes,
Onde puz toda a ingenuidade rara
Dos vélhos madrigaes,

Balbuciando as silabas a mêdo,
Disseste: — «Quem me déra a mim sabêr
O fio conductor deste segredo,
Um nome de mulher...»

E *alguem* disse do lado: — «Isso poetas
São todos hoje em dia prosa; Deus
Deixando neste mundo as Julietas,
Levou-lhes os Romeus.»

E tu emudeceste de assustada,
Como, ao ver uma immensa nuvem negra,
Desmaia a canção limpida, esmaltada,
A dôce toutinegra.

E em toda a tarde não pronunciaste
Uma palavra, uma palavra apenas,
E occultar um tremôr vago tentaste,
Irman das assucenas!

Não me disseram mais, nem me consóme
A ancia de saber mais, porque emfim
Ja conheço que sabes qual o nome,
Que eu trago dentro em mim...

LAGRYMAS

Uma vez, entre as pétalas nevadas
Duma camelia, em busca de agasalho,
Cahiram da amplidão vasta choradas
Duas lagrymas trémulas de orvalho.

E quando o sol nasceu gloriosamente,
Enchendo o espaço de harmonias cérulas,
Ha pouco abandonadas rudemente,
Já brilhavam agora, como pérolas.

As que eu choro, porém, se porventura
Te cahissem na flôr misteriosa,
Que abre as pétalas cheias de doçura
Em teu peito numa ancia luminosa,

Como constellações no azul maguado,
Vel-as-ia um momento apoz brilhar,
Oscillando, num extase sagrado,
Na noite soluçante desse olhar.

INTERMEZZO

Era na aldeia. Ao longo das ramadas,
Ouvia-se cantar
O largo côro de aves namoradas,
Que andavam pelo ar.

O teu palido rosto, docc e amante,
Cheio de commoção,
Banhava duma luz vivificante
Meu pobre coração.

Murchava tristemente a balsamina,
Como quem vérga á dôr,
E eu beijei-te a mão branca e pequenina,
Num extase de amôr.

E, nesse instante, ao longo das ramadas,
Já não se ouviu càntar
O largo côro de aves namoradas,
Que andavam pelo ar...

NUM BILHETE

HOJE banhou-me a limpida alegria.
Ha quasi tres semanas que eu não via
A doce luz angelical e pura,
Que chove desse olhar, (doce ventura!)
Que é côr da noite e que illumina o dia.

TERCETTOS

I

AQUELLE ultimo olhar que me lançaste,
Mixto de dôr, e magua, e saüdade,
Tremente como ao vento a flôr na haste,

II

Aquelle olhar de immensa piedade,
—Extremo olhar de Mãe compadecida,
Que morre e deixa os filhos na orfandade,

III

Entrou-me dentro d'alma dolorida,
Como um bâlsamo doce e luminoso,
Que a gente sente uma só vez na vida.

IV

Eu affastei-me triste e silencioso,
O coração immerso na agonia,
—Elle que ha pouco fluctuava em goso.

V

A tua dôce e branda luz segui-a,
Até vel-a sumir-se num momento,
Como o sol, no occaso, ao fim do dia...

VI

E vieram-me então ao pensamento,
Aquellas noites silenciosas, claras,
Cheio d'astros o vasto firmamento,

VII

E nós ouvindo as harmonias raras,
Que solta a natureza socegada,
Emquanto embala descuidosa as seáras.

VIII

Como então nos surria immaculada,
Lá, dessa immensa abobada esplendente,
A lua cheia duma paz sagrada!

IX

Ah! voaram velozes, de repente,
Esses momentos de ideal ventura,
Como uma estrella vivida, luzente,

X

Atravessando o céu em noite escura,
Desvairada... quem sabe se contendo
Dentro de si alguma alma impura.

XI

Eu sinto-me cançado, em te não vendo
Essa belleza varonil e austera,
Que anima os tristes, os que estão soffrendo,

XII

E déra as horas da existencia inteira,
Desta existencia palida e nefasta,
Por sêr, ó minha eterna Primavera!

XIII

Por ser o pó que o teu vestido arrasta.

DOLORA

No caminho, onde nós ambos passamos,
Ó minha casta flôr!
Os passaritos, altos nos seus ramos,
Falavam-nos de amôr...

E depois, quando ali voltei ancioso,
E que já não te vi,
Tudo quanto avistei, num tom chorôso,
Me falava de ti...

OITO DE SETEMBRO

AMANHAN é o teu anniversario,
E eu, minha dôce e juvenil amada,
Acho esse dia mais extraordinario,
E anceio vêr-lhe a fresca madrugada.

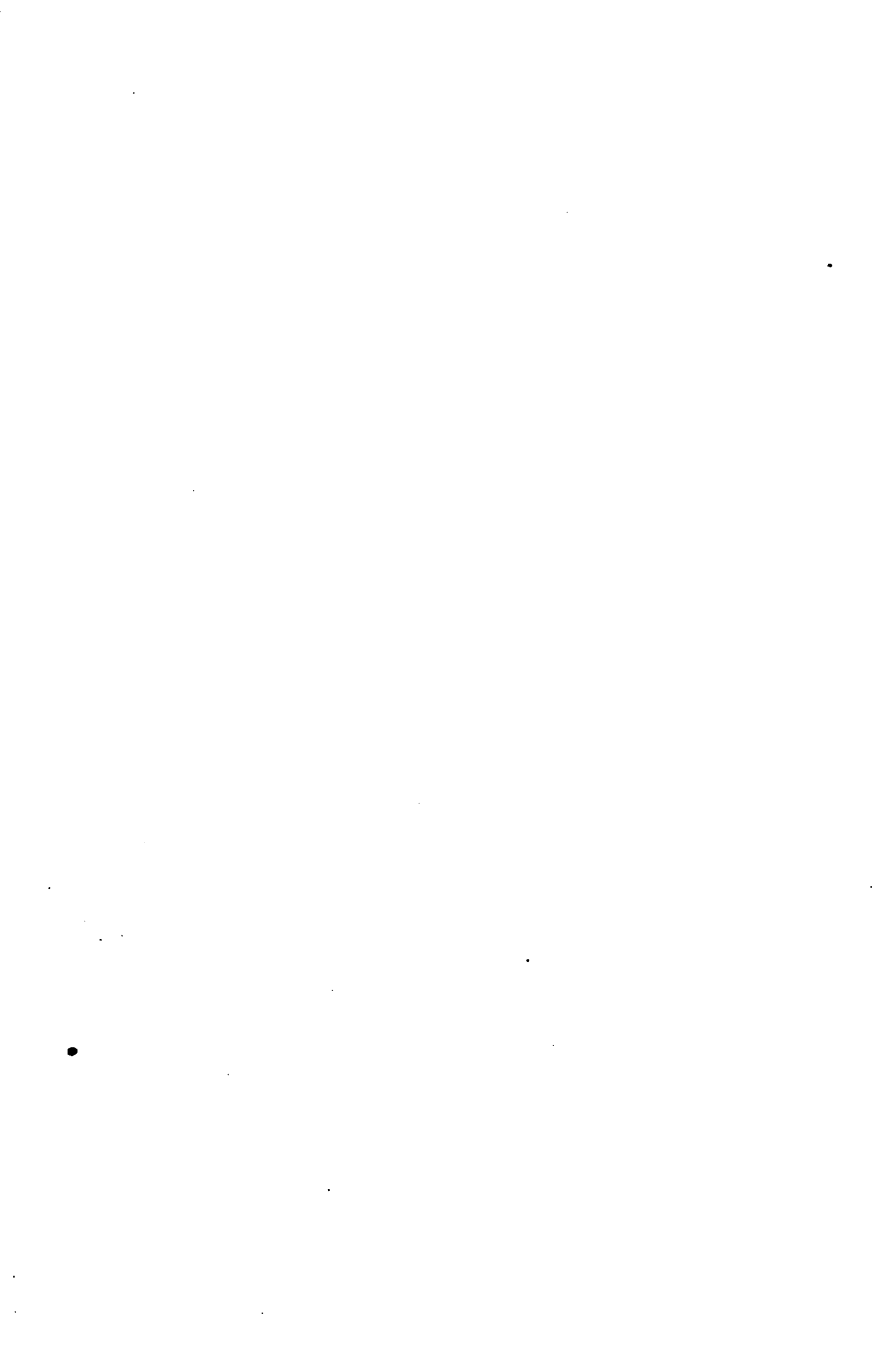
Não que o vasto concerto harmonioso,
Que corta a luz doirada das manhans,
Vibre notas dum tom mais poderoso,
Com energias mais viris e sans;

Não que os cedros augustos da montanha
Desdobrem os seus ramos pelo chão,
Para, nessa postura humilde e estranha,
Te saudarem a augusta apparição;

Não que os lagos tranquillos e dormentes,
Dum largo somno casto e florestal,
Esmaltem os teus labios surridentes
No purissimo seio virginal;

Não que ao longo silvestre dos caminhos
Eu pense vêr cahindo a desmaiar,
Como penas que cahem dos seus ninhos,
Gotas cristalisadas de luar;

Não! nada disso. Essas gentis chiméras
Passaram-me na doida fantasia,
Como passam as verdes primavéras
Ao comprido da extensa pradaria.

E eu apenas, eterno visionario,
Anceio a boa luz da madrugada,
Desse dia feliz e extraordinario,
Que é para mim a lucida alvorada.

IDILIO

—

Possue as coisas mais bellas,
Mais santas e mais formosas:
—O corpo feito de rosas,
—A alma feita de estrellas.

Nas faces, aureoladas
Do mais serêno explendôr,
Reflectem-lhe as madrugadas
O luminoso frescôr.

De manhan, quando ella accorda
Com a sua irman — a aurora,
O azul infindo transborda
Duma harmonia sonóra.

Nadam aromas no ar,
Quando ella passa tranquilla,
E sae um casto luar
Da sua negra pupilla.

O seu pé timido e dôce
Deixa tão lucidos rastros,
Como uma pomba que fosse
Roçar a aza nos astros.

A ingenuidade infantil
Do seu surriso doirado,
Tornaria o mez d'abril
Mais fresco, mais perfumado.

Brilham n'amplidão sagrada,
Á noite, as constellações,
Lançando á terra anuveada
Uns fugitivos clarões.

E dessa abobada pura,
Onde tudo é immenso e bello,
Invejam a noite escura,
—A noite do seu cabello.

Reune quanto ha de grande
E verdadeiro no mundo,
E sempre que se lhe expande
Um sofrimento profundo,

Toda a nossa alma chorosa,
Como num extase vago,
Fluctua,—lucida rosa,
Na superficie dum lago...

URNA DIVINA

Eu ia olhando o mar, em cuja immensidade,
Austéra como a luz,
Ha poëmas de amôr e idilios de bondade,
Como os sentiu Jesus.

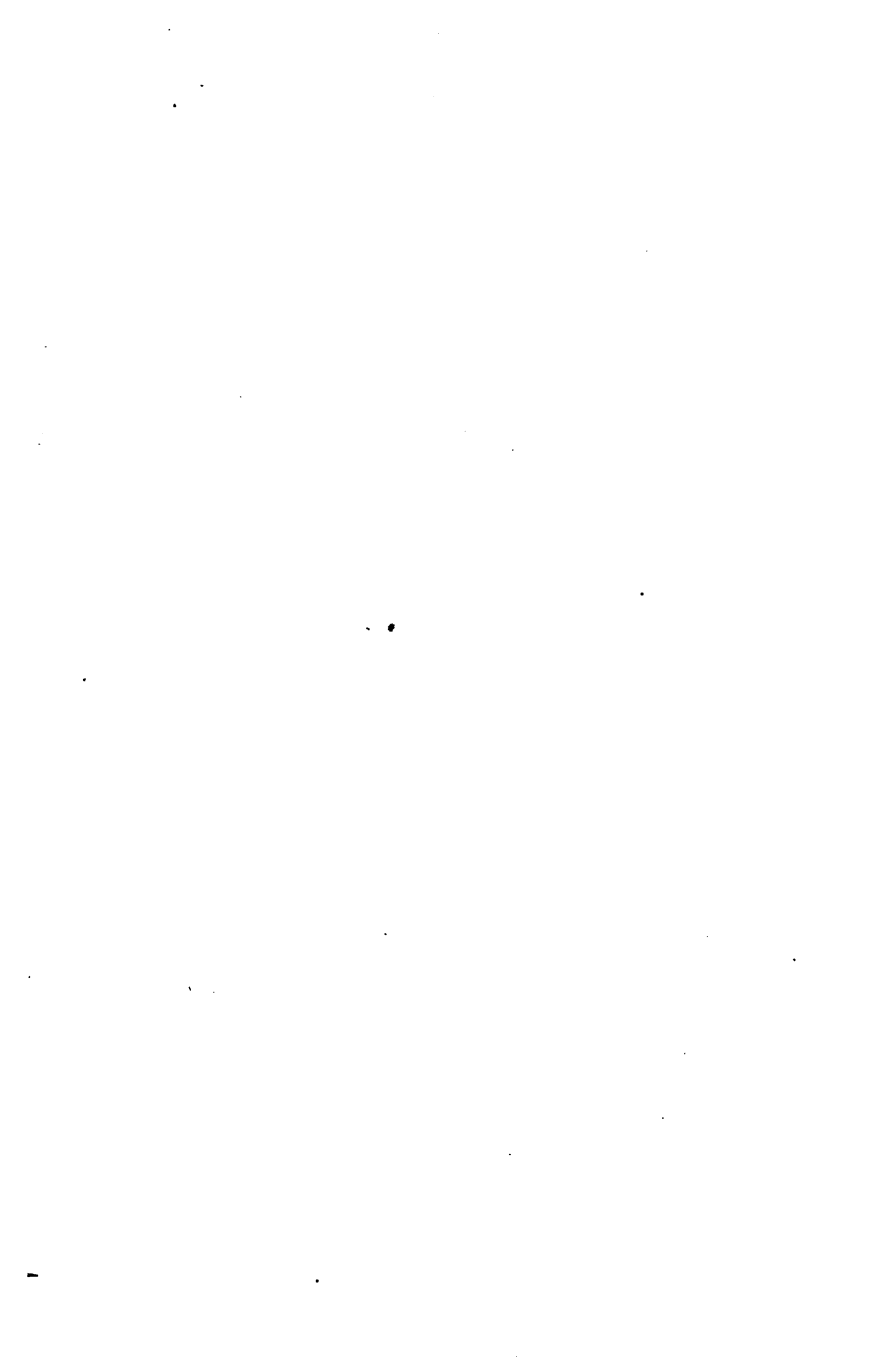
Buscava lançar nelle as dolorosas máguas,
Buscava sepultar,
Na severa amplidão olimpica das aguas,
Meu intimo chorar,

Como o rei da ballada, o doce heroe antigo,
Tão bom e tão leal,
Que ao morrer escondeu naquelle seio amigo
O seu amôr ideal.

Tu passavas então, modesta e aureolada,
Ó minha casta flôr!
E eu lembrei-me que ao vêr a lua immaculada
O mar chora de amôr,

E que num grande anciar, tristissimo, gigante,
Aos páramos do azul,
Quem sabe? conta á sua ethérea e doce amante
A dôr do Rei de Thule.

E vendo-te surgir, ó pomba da alliança!
Em timido scismar,
Encontrei afinal um cofre de esperança,
Mais fundo de que o mar...

Pois nem o mais serêno, e nem o mais saudoso
E doce rosiclér,
Interrogou jamais o mundo misterioso
Dum seio de mulher...

CONFIDENZZA

A minha alma, pomba! quando a beija
Do teu olhar a luz immaculada,
Tem as consolações, que ella deseja,
        A pobre encarcerada.

E como, preso, um pássaro se agita,
Nas grades do seu carcere, a voar,
Assim ella, tristissima, contricta,
        Vem toda ao meu olhar...

4

AO DESPERTAR

HONTEM sonhei comtigo, minha amada!
Vi-te junto de mim, como se fosses
A visão das visões puras e doces
Duma noite ideal e constellada.

Que ventura o sonhar a cada instante
Um sonho, como aquelle, onde surgisse,
A meu lado, o teu palido semblante,
Como um lirio de luz, que se entreabrisse!

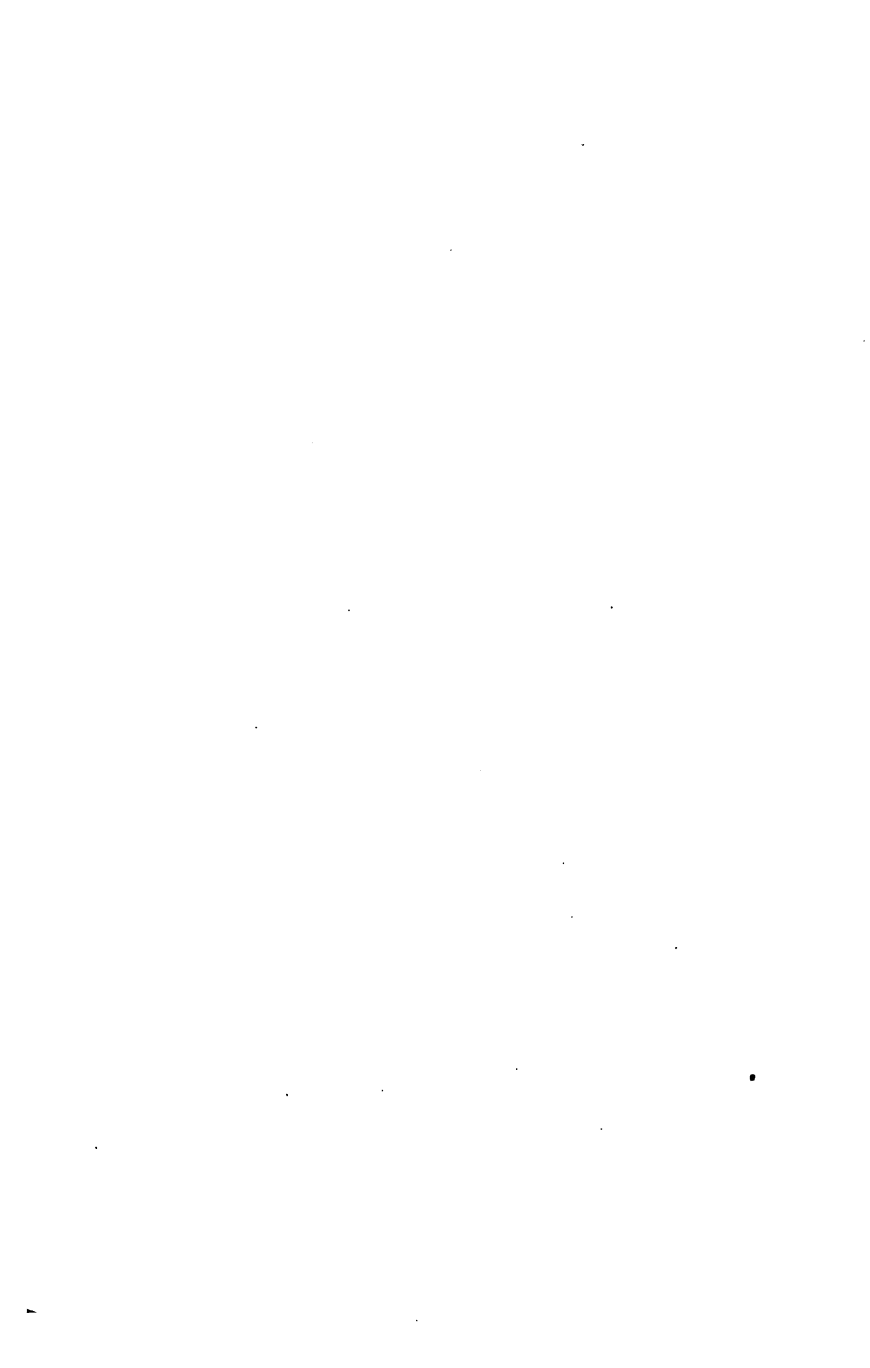
Se ninguem me chamasse á realidade,
E eu consumisse a minha vida inteira,
A vêr-te nos meus sonhos, companheira
Da minha desmaiada mocidade!...

Mas — vê lá! acordei estremunhado,
E, ao fugir-me a dulcissima esperança,
Surria, junto a mim, — *uma criança,*
Num retracto, que eu tinha encaixilhado...

UMBRA ET LUX

Mais pura do que as azas
Dos anjos do Senhor!
G. Crespo.

Nos desertos, a sombra da palmeira
Acolhe os pobres caminhantes lassos,
E reanima-os, em meio da carreira,
Como ao lilaz o orvalho dos espaços.

A tua alma é toda luz radiante,
Toda ella nos domina e nos assombra...
E, apezar dessa antithese gigante,
Iguala sempre da palmeira a sombra.

STANZZAS

> Mas quem viste tu esquecido
> Daquillo que dá saudade?
>
> Bernardim Ribeiro.

I

Quando eu avistava ao longe
O muro que te escondia,
Como a noite encobre o dia
No seu luctuoso véo,
Dentro da alma, perfumada
Duma essencia casta e mansa,
Dentro em minh'alma, criança!
Cantava-me a luz do ceu.

II

Que melodiosa romanzza!
Que ingenuo e bello spartito!
Parecia que o infinito
Nadava em meu coração,
Bem como os astros espelham,
Dum fundo brilho siderio,
O indefinido misterio
Dos lagos da solidão.

III

Choviam das velhas arvores
Notas sinceras e frescas,
Das musicas pitorescas,
Dos concertos triumphaes,
Que, em partituras anónimas,
Rompem, numa ampla harmonia,
Quer da folhagem sombria,
Quer dos tranquillos trigaes.

IV

Na paysagem destacavam-se,
Cheias de alegrias francas,
Casitas pobres e brancas
Dum todo consoladôr,
Onde os serênos da lua
Pôem threnos mais chorosos,
Que os accordes religiosos
Da lira do meu amôr.

V

A hera tremia em torno
Do pequenino mirante,
Que eu, num brevissimo instante,
Transpunha, lirio gentil!
Talvez que ella soluçasse,
Com o largo chôro dum monge,
Quando eu entrevia ao longe
As linhas do teu perfil.

VI

Surgias, como desponta
No azul o sol esplendente,
Um vago arôma dolente
Descia manso do ceu...
Toda a natureza inteira
Tinha um suave concento,
Ó flôr do meu pensamento!
Ó estremecido anjo meu!

NOSTALGIA

INVADE-ME uma doce nostalgia,
Se tu desappareces, lirio santo!
E sinto a noite, muito embora o dia
A terra involva num doirado manto,

Que ha uma vibração, toda divina,
Na melodia azul e avelludada
Da tua voz piedosa e diamantina,
Meiga, correcta, musical, pausada.

Escutar-te é um poëma de ventura!
Treme, ao ouvir-te, a madresilva em flôr,
E, occultas da folhagem na espessura,
As rôlas soltam eclogas de amôr.

Illuminam-se as franças do arvorêdo,
E perpassam, então, na aza do vento,
Os efluvios dum intimo segredo,
E os perfumes dum casto pensamento...

E fica-nos o espirito submerso
Nesse murmurio tépido e leal,
Como uma badalada de cristal,
Expirando nos écos do universo.

Que de vezes distingo nos espaços
O timbre dessa voz, suave e brando,
E, trémulo de anceio, estendo os braços,
Como a um astro n'amplidão cantando!...

E, atravez dos espessos nevoeiros,
Oiço-lhe ainda o vago modular,
Como ouvia a canção dos marinheiros,
No oceano, o rei Harald Harfagar...

RONDALA

...... Jámais ouvi da bôca do destino
A causa deste amôr, que me tem preso a ti.

M. Duarte de Almeida.

Já não sei onde me leva
Este sofrêr infinito...
Se me escondesses na treva
Do teu cabello bemdito!

Nessa escuridão saudosa,
Que ninguem, ninguem traduz,
Veria ceus côr de rosa,
Mansões eternas de luz.

Morrem as ondas na praia,
Que avidamente as estanca...
— Eu sou onda, que desmaia,
E tu — és a lua branca.

A tua adorada imagem
Chegou ao meu coração,
Como, atravez da folhagem,
Passa do sol o clarão.

Quando desabrocha o dia,
Defronte da tua alcova,
Quasi sempre a cotovia
Canta uma musica nova,

Mais vibrante que a algazarra
Dos córos originaes,
Ao despertar da cigarra,
Dos melros e dos pardaes.

Eu então scismo e vagueio,
Ó minha casta violeta!
Sem que os meus sonhos de poeta
Rocem de leve o teu seio...

A tua face reveste-a
Uma palidez contricta,
Que tem a simples modestia
Do teu vestido de chita.

Por causa dos teus cabellos,
Ando eu, sem norte e sem rumo,
Edificando castellos,
Mais vaporosos que o fumo.

E, ancioso, trémulo, sinto,
Numa vasta cerração,
Perdido o meu coração...
Perdido num labirinto.

E fico assim taciturno,
Lirio de amôr que eu contemplo!
Como um passaro nocturno,
Fechado dentro dum templo.

Vi-te uma vez ao mirante,
Quando batiam trindades...
Foi tão somente um instante,
Deixou milhões de saudades!

Eu, acabrunhado, exhausto,
Achava em ti,—que ventura!—
A vaga, etherea figura
Da Margarida do Fausto,

Ou julgava desprendida,
Da sua tela real,
A mais suave e dorida
Das santas da cathedral.

Ha no carmim dos teus labios
O puro e nitido esmalte,
Que dá vida,—embora falte
Nas theorias dos sabios.

Tens todo o brilho dum astro,
E eu, aspirando os arômas,
Dessas negrissimas comas,
Que em fantasia desnastro,

Já não sei onde me leva
Este sofrêr infinito...
Se me escondesses na treva
Do teu cabello bemdito!

ENLEVO

Santelmo de bonança!
Ramo da paz divina!

THEOPHILO BRAGA.

No jardim escutava-se um concerto
De musica sutil e vaporosa,
Como aquella que a aragem do deserto
Canta nas folhas da palmeira umbrosa.

Havia em todo o illuminado ambiente
Um arôma suave, aéreo e brando,
Como uma *rêverie,* que mansamente
Nos vai, a pouco a pouco, subjugando.

As arvores frondentes e floridas,
Que o pranto da manhan tornára frescas,
Tapetavam as longas avenidas
Dum tapete de formas pitorescas.

E o murmurio dos ninhos, entretanto,
Cheio de tons vivissimos, trementes,
Acompanhava dum sereno canto
Aquellas notas languidas, dolentes.

E eu divisei tua figura bella,
—Essa figura angelical, franzina,
Que, logo, á simples vista, nos revéla
Uma alma leal e cristalina,

E fui andando, palido, anciôso,
Como quem vai atraz duma esperança,
Commovido seguindo e venturôso,
Os teus passos tranquillos de criança.

E o teu andar, nitido, casto, e breve,
Mas poderôso de harmonia e vida,
Deixava um rastro dum perfume leve,
Duma essencia ideal, desconhecida,

Onde, a um tempo, simultaneamente,
Eu vi o fresco matinal dos linhos,
E a doçura da musica dolente,
E o murmurio vivissimo dos ninhos...

POEMA ETERNO

VAI boiando serena, á tona da agua,
A pétala mais doce e delicada,
Quando os sopros agrestes da nortada
A levam cheia de infinita magua.

Ou seja de assucena, ou de camelia,
Ou resguardasse um coração de rosa,
Ella vai mansamente, como Ofélia,
Na languida corrente murmurosa.

E foragida, e virginal, caminha,
Até chegar aos ultimos confins,
Como o vôo desprende uma andorinha,
Num ambiente casto de jasmins.

De noite—quando a noite fôr doirada—
(Que poema de amor ingénuo e brando!)
Como a lua entre as nuvens emballada,
Ella hade ir entre as aguas suspirando...

Ha longos annos já, fixei a vista
Num quadrosito assim, bem natural,
Que no meu fundo espirito de artista
Se gravou duma forma esculptural,

E, minha amada! uma só vez na vida,
Emque a chorar te vi, quando sonhava,
Lembrei-me dessa trémula jazida,
Que á mercê do destino fluctuava,

Porque se a folha, a pétala viçosa,
Caminhava na limpida corrente,
Prêsa duma indolencia descuidosa,
Boiando cada vez mais docemente,

Teu cristalino pranto soluçado
Ia correndo timido e a custo,
Como um rio de luz abandonado,
Num roseo leito dum aroma augusto...

ALVORADA

—

> Ninguem a vê chegar... mas de repente
> Apparece — e mudou a face ás cousas!
>
> ANTHERO DE QUENTAL.

A estrella d'alva impalidece, quando
A canção matinal da cotovia,
Vai todo o largo azul avassalando,
Num diluvio de magica harmonia.

Como o palido olhar dum moribundo
Enche de anceio um coração amado,
Assim ella derrama sobre o mundo
Os efluvios dum balsamo sagrado.

E ao vasto coração dos bons romanticos,
Que adoram os sombrios arvorêdos,
E que desprendem lacrymosos canticos,
Sobre a ingreme aresta dos rochedos,

Leva uma paz serêna e immaculada,
Como quando o luar doce e fluctuante
Involve, em luz tremente e avelludada,
A immensidade olimpica, gigante,

—O mar! o titan rude e primitivo,
Que, acorrentado a um negro cativeiro,
Aos espaços levanta o dôrso altivo,
Cahindo novamente... ah! prisioneiro.

Quando surge por entre os pinheiraes,
Minha amada! o teu vulto vaporoso,
No meio dum silencio religioso,
Com o brilho das coisas immortaes,

Eu, que não sou romantico, nem fundo
Na Chyméra a ventura, que me salva,
Fico como os romanticos e o mundo,
Quando vai desmaiando a estrella d'alva...

CANÇÃO

> Rôla dos meus carinhos!
> GOMES LEAL.

Ó minha virgem celeste!
Ó minha doce criança!
És tu, só tu, quem me veste
Dum infinito de esp'rança.

Tu nasceste com as flôres,
Quando tudo se renova,
E o hymno bom dos amores
Écôa na lua nova.

Ha todo um mundo de anceio
Na luminosa emoção,
Que te palpita no seio,
Anjo do meu coração!

Se tu vaes pelo meu braço,
Sinto que estremeces mais,
Do que as lampadas do espaço,
Ouvindo o som dos teus ais!

Que bello, quando me dizes
Na melodia mais pura:
—«Como nós somos felizes!...
Que immensa a nossa ventura!...»

Ha coisas bem singulares!
—Sempre que te vejo, penso
Que fico de ti suspenso,
Como uma nuvem nos ares!

E nessa doce harmonia,
Na adoração mais completa,
Lembram-me as noites do asceta,
Aos pés da Virgem Maria!

DISTICO

Se tu me foges, desse olhar ancioso
Sahe um casto perfume de saudade,
Como a suave e doce claridade,
Que derrama o crepusculo choroso...

A TI

—

Amei-te, pomba! e nisto
A vida se traduz.

GUERRA JUNQUEIRO.

QUANDO o sol vai nascer, esplenduroso e bello,
Forte com um titan,
Que um momento assomasse ao trémulo castello
Das nuvens da manhan,

Os córos magistraes das aves gloriosas
Começam a cantar,
Fazendo estremecer o coração das rosas,
E embalsamando o ar.

Da terra vai subindo, em misterioso incenso,
O perfume da flôr,
E ouve-se n'amplidão como o bater immenso
Das azas do condôr.

Vagueia, redemptôra, uma harmonia enorme,
Scintilla triumphal,
Na vastidão do oceano, e na floresta que dorme,
A vida universal.

Ha diluvios de amor e commoções estranhas,
—Sevéras commoções,
Em tudo: desde o flanco augusto das montanhas
Á paz das solidões.

Evola-se de todo a vasta sementeira
De estrellas, ao clarão,
Que as leva, como o vento á flôr da laranjeira,
Cahida pelo chão.

No valle e na campina, ao pé dos rosmaninhos,
Em toda a parte emfim,
Ha notas de alegria, e fremitos de ninhos,
E folhas de jasmim.

Eu adóro a manhan mais limpida e vibrante,
Embora o rouxinol,
Quando ella vem surgindo, olimpica e radiante,
Não cumprimente o sol.

Gosto de ir aspirar o aroma bom dos fênos,
Perder-me nos giestaes,
Ouvindo o modular da flauta dos Silênos,
E as nimphas dando ais.

Porém como ella passa, e o seu festivo cantico
Cessa de se estender
Nas arvores leaes, e nas ondas do atlantico,
Que á praia vêm morrêr.

Eu procurei um dia uma eterna alvorada,
Esplendida e gentil,
E fui achar a graça austera e immaculada
Duma manhan de abril

Nesse olhar virginal e nessa fronte pura,
Tão franca e tão viváz,
Que enchendo-me de sol, me inunda da frescura
Dum ramo de lilaz...

CELESTE

Eu fico todo assombrado
De caber alma tão grande
Em corpo tão delicado.

JAYME DE SEGUIER.

HA um tão grande efluvio de bondade
No teu seio purissimo, innocente,
Que se eu caminho desoladamente
E uma tristeza subita me invade,

Entrevejo o teu rosto peregrino,
Dominam-me os teus candidos olhares,
E sinto, protegendo-me os ares,
A nuvem do teu halito divino...

VELHO THEMA

Sempre que penso em ti,
Ó minha boa amiga!
Recordo-me que li,
Numa balada antiga,

Que num tumulo frio,
Ás horas do luar,
Um rouxinol sombrio
Ali vinha cantar.

E a sua voz, então,
Serenamente calma,
Enchia o coração
E illuminava a alma.

As lampadas celestes
Tremiam pelo azul,
Na rama dos ciprestes
Quedava o vento sul...

Ora eu que emfim achei
Em ti a immensa vida
E como que avistei
A terra prometida,

Recordo essa balada,
Tão doce e tão leal,
E lembro, minha amada!
Que o canto do cristal,

O solta á luz do sol,
Mas não sobre um jazigo,
Minh'alma,—o rouxinol
De quem tu és o abrigo...

EPILOGO

E fico-me a scismar
No teu olhar bemdito,
No teu bemdito olhar!

J. Coimbra.

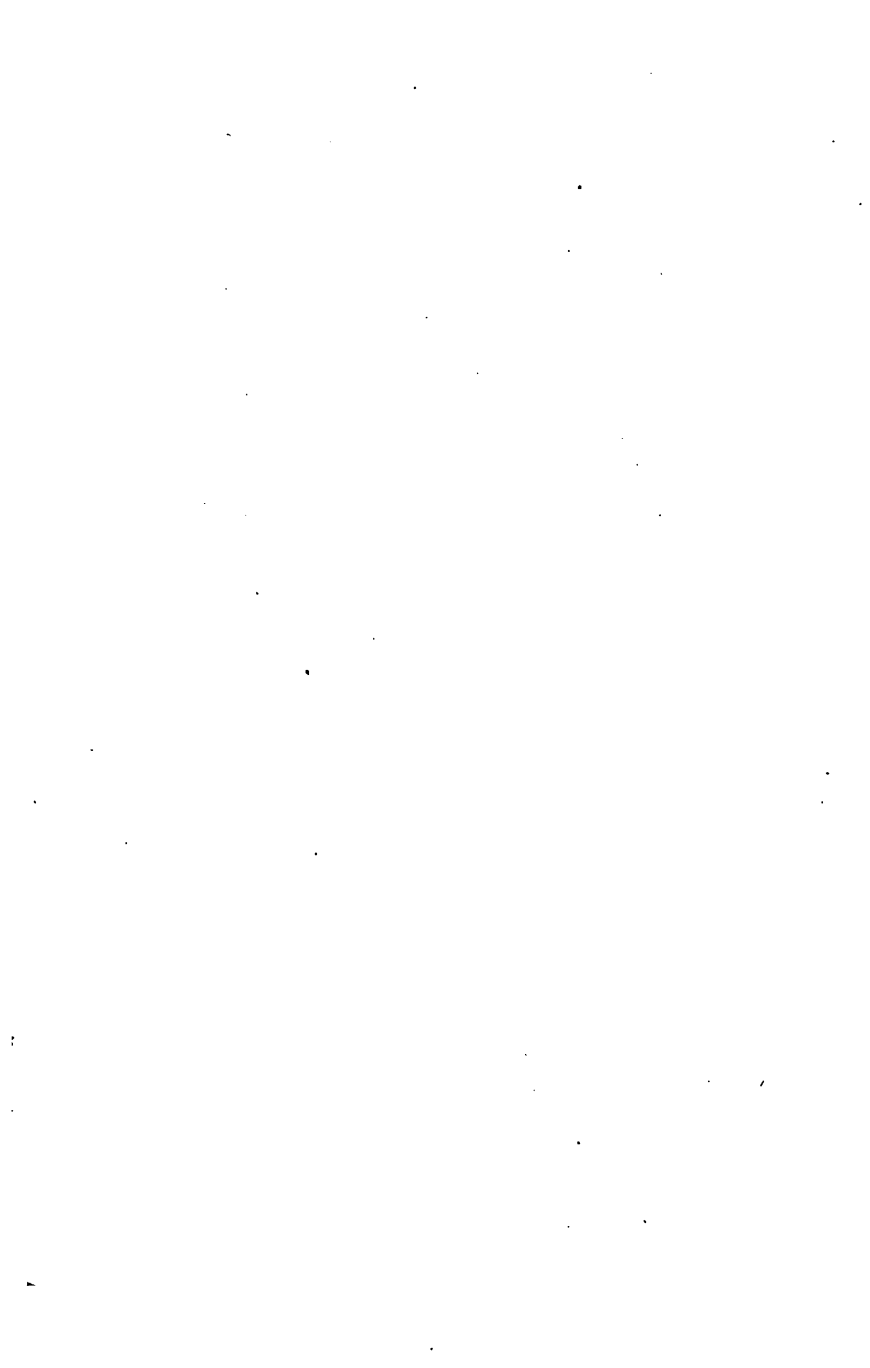
Estreleja a rosea aurora,
Com as pérolas divinas
Do pranto, que a manhan chóra,
As sébes e as campinas.

Nas urnas castas dos lirios,
Que definhavam no emtanto,
São ellas balsamo santo
De indefinidos martirios.

Cahem talvez a scismar,
Consolam, como um perdão.
. . . .
. . . .

. . . .
. . . .
Foi assim que o teu olhar
Cahiu no meu coração!

SEGUNDA PARTE

FILIGRANAS

AO MEU AMIGO

FIALHO DE ALMEIDA

AO MEU AMIGO

FORTUNATO DA FONSECA

AO MEU AMIGO

M. TEIXEIRA GOMES

JOÃO DE DEUS

...Et les provinces de Algarvès...
auront un jour peutêtre leur Camoens.

PROCLAMAÇÃO DE JUNOT.

TEM um surriso limpido, tranquillo,
Cheio de amor, de transparencia e luz,
Que nas telas divinas de Murilo
Brilharia na face de Jesus.

Não se cança ninguem jamais de ouvil-o,
De si derrama pérolas a flux,
O seu olhar é um luminoso asilo,
Que veste os rotos e agasalha os nus.

Ó scismador de Heresta e de Marina!
Ha nessa tua palidez divina
Um quê sombrio de tristeza e dó,

E eu, ao ver o teu vulto austero e dôce,
Digo comigo: — Emfim realisou-se
A hespanholada immensa de Junot...

UM VERSO DE CAMÕES

—

JUNTO ao berço de vida palpitante,
Ha pouco ainda, e inanimado agora,
Pobre Mãe! pobre martir! ella chora
O deserto do ninho murmurante.

A sua ingenua e festival aurora
Durou, como a das rosas, um instante,
E, surrindo, evolou-se bem distante,
Aos paizes da Luz consoladôra.

Os raios virginaes da lua nova
Cingem-lhe a humilde e pequenina cova
Da sua dôce auréola mais triste,

Emquanto a Mãe, as lagrymas chorando
Duma dôr infinita, vae scismando:
—*Alma minha gentil que te partiste...*

VERSOS MODERNOS

—

DÁ-ME o teu braço de arminho,
Ó Musa! e vamos, nós ambos,
Perder-nos pelo caminho
Das odes e ditirambos.

Vem! são horas de descanço,
E apenas se ouve soar
A voz agreste dum ganso,
Que anda num tanque a boiar.

Deixemos aos namorados
A paixão abrasadora:
Os rouxinoes constipados
Esperam mudos a aurora.

A hera—que maravilha!—
Cobre o muro, onde se enrola
Como uma esbelta mantilha,
Aos hombros duma hespanhola.

Co'a magestade tranquilla
Dos primitivos guerreiros,
Avista-se ao longe a fila
Immensa dos castanheiros.

Os poetas cantam no Pindo
As Ofélias e as Desdêmonas,
Um gato, os olhos abrindo,
Amostra duas anémonas.

Morre o sol purpureado,
Sem contorções angustiosas:
A abelha bebe no prado
O sangue fresco das rosas.

Scintilla, por entre o verde
Da herva luxuriante,
Um regato, que se perde,
Como um soluço distante.

E eu, sombrio pantheista,
Contemplando o azul profundo,
Que um grande genio de artista
Suspendeu por sobre o mundo,

Não vejo o menor vestigio,
Em nenhum doirado tecto,
Das mãos daquelle prodigio,
Das mãos daquelle architecto...

IN EXTREMIS

O Anjo Mau da lenda, expatriado,
—Sonhadôr de revôltos ideaes,
Que appareceu, de rosto purpureado,
Nos pezados silencios monacaes,

O vélho commensal afervorado
Dos sangrentos festins imperiaes,
—Trovador-cavalleiro-enamorado,
Junto aos doces balcões sentimentaes,

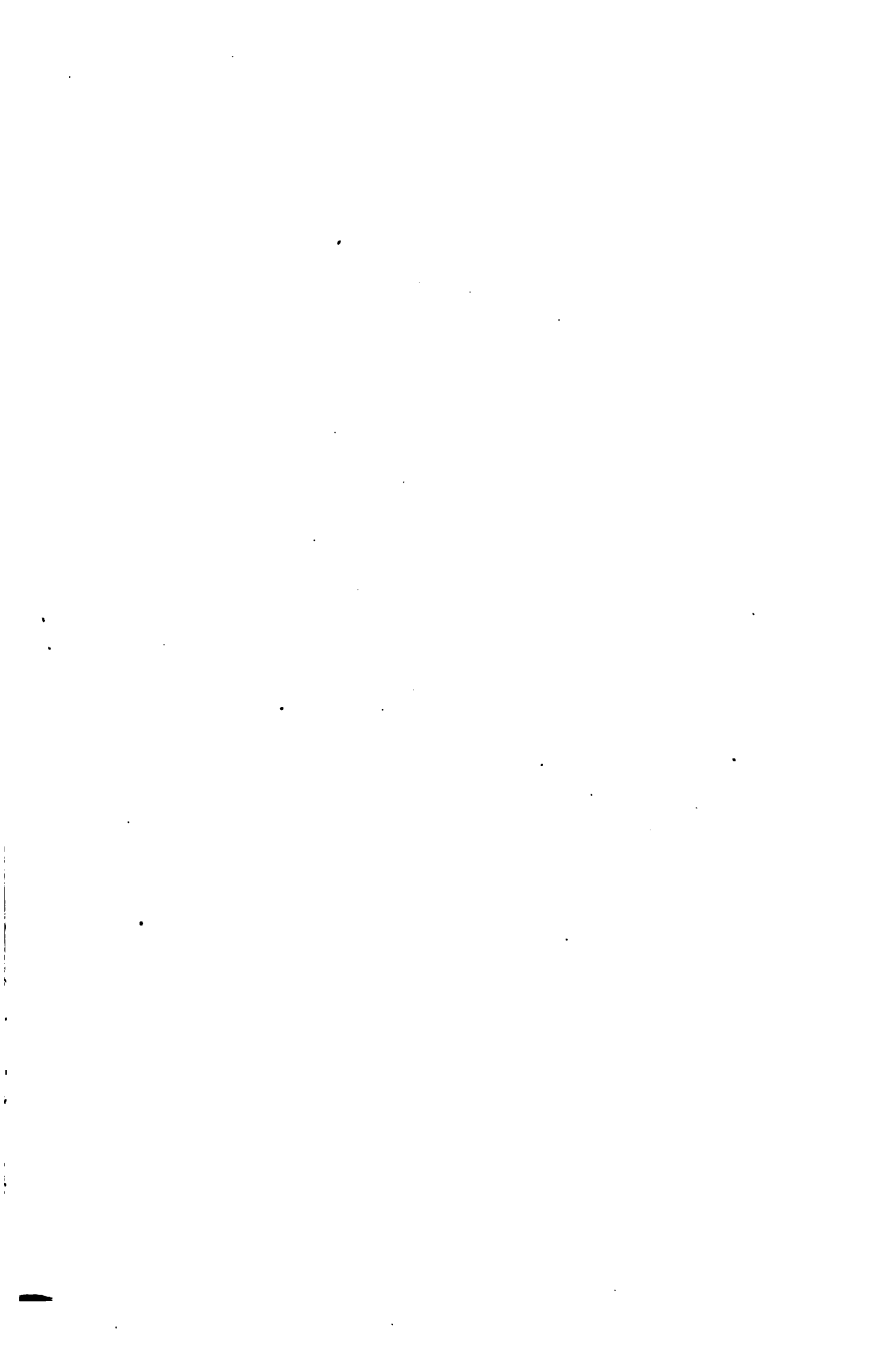
—Rota a armadura e o capacete de aço,
Cahiu por terra, exhausto de cançasso,
E, ao soltar o suspiro derradeiro,

Talvez que visse, no esplendôr da vida,
A timida e formosa Margarida,
Beijando Fausto, o seu amôr primeiro...

DOLORA

(D. Ramon de Campoamor)

Os desposados Soror Luz olhando,
Junto ao festivo altar,
—Que noivo tão formoso! diz scismando,
Mas o meu não tem par!

E nos olhos da noiva irradiava
Um surriso de luz,
Emquanto melancolica chorava
A esposa de Jesus.

NATHERCIA

1

VISÃO celeste! Olhou-a, e num momento
Elle—, o guerreiro, o trovadôr ousado,
Sentiu como que preso o pensamento
Áquella fronte dum palor maguado.

Ella tremia, vendo-o, como ao vento
Tréme a haste dum lirio delicado...
Ouvia-se no templo um psalmear lento,
Ante o immovel Jesus crucificado.

Que poëma de amôr sereno e dôce
Áquella pomba immaculada trouxe
Esse heroico perfil, austero e grave?

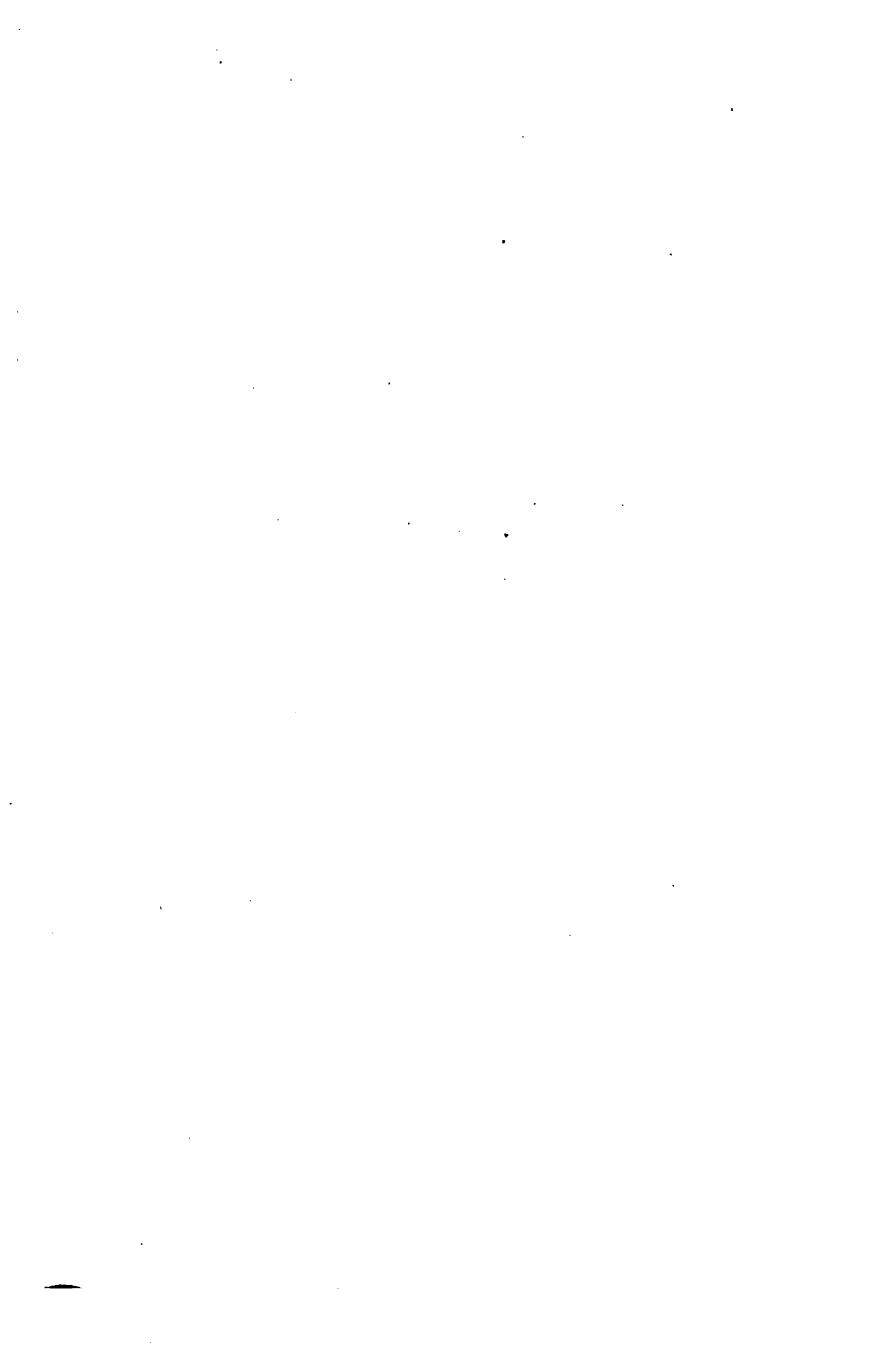
A Santa-Virgem baixa o olhar dorido,
E um suspiro revôa, enternecido,
Da velha igreja na sombria nave...

II

Em noites calmas de luar tremente,
Quando na altura se entreabriam flôres,
—Lirios de luz suavissima e cadente,
Os astros virginaes e scismadores,

E palpitava o hymno dos amôres,
Que a Natureza,—esse maestro ingente,
Executa nos montes sonhadores,
Nos arvorêdos e no mar dormente,

Nas janellas do paço da Ribeira,
Ella tentava ver no Tejo a esteira
Dos fortes galeões aventurosos,

E convulso lhe arfava o seio brando,
Para o ceu cristalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos...

A ESMERALDA CERVANTES

(No seu concerto de despedida ao publico lisbonense, em junho de 1880)

I

ANTIGAMENTE, os rudes cavalleiros
Formidaveis, indomitos guerreiros,
Gloriosos titans,
Nos torneios de amôr, em plena paz,
Depunham ramos brancos de lilaz,
Aos pés das castellans.

II

E iam depois no rasto das façanhas,
Galgando o topo agreste das montanhas,
Invadindo as cidades,
E ao tumulo descendo—raça ardente!—
Até se destacarem, lentamente,
Do bronze das idades.

III

Em nossas veias ferve ainda o sangue
Dessa raça valente, nunca exhangue,
De altivos campeadôres,
Cheios do rubro enthusiasmo antigo,
Que hoje dormem, na noite do jazigo,
Coroados de flôres.

IV

Temos ainda a rija seiva forte,
Que chega, ás vezes, a arrostar a morte,
Em féro batalhar,
—Combatentes do Ideal, nós, os poetas,
Pomos num ramo os astros, as violetas,
Os jasmins e o luar,

V

E atiramos-to, quando, nos torneios
Da Luz, tua harpa faz bater os seios
Das mães e das crianças,
E a nós,—soldados duma ideia nova,—
O quebrantado animo renova,
Num amplo mar de esp'ranças.

VI

Arrancas dessas cordas, inspirada,
Os concertos rosados da alvorada,
Do oceano o bramir,
A aragem do deserto, a *selva escura,*
E vais buscar aos antros da loucura
A alma do rei Lear...

VII

Choram os lirios, verga o cedro insonte,
Assomam no vastissimo horisonte
Clarões tristes e vagos,
E, por entre as folhagens murmurosas,
Doirando as solidões misteriosas,
Brilha a estrella dos Magos.

VIII

E fica-nos assim, toda suspensa,
Numa harmonia, indefinida, immensa,
Nossa existencia inteira...
Cahem-te aos pés as ovações mais francas,
Como um diluvio de camelias brancas,
Em luminosa esteira.

IX

E porisso tu vaes estremecida,
—Que nós vemos em ti a eterna vida,
Que a todos regenéra,
E ajoelhamos religiosamente,
Saudando do talento resplendente
A magestade austéra.

A ALDEIA

Repousa a aldeia, como que prostrada
Do trabalho dos campos fadigoso,
Reina o socego infindo, religioso,
Na limpidez da noite constellada.

Ha uma paz suavissima e sagrada,
Cheia dum toque virginal, saudoso...
Como uma fita branca, ao longe, a estrada
Encurva-se dum modo fantasioso.

Vão germinando as seáras docemente,
Parou, ha muito, o moinho indiferente,
Brando, o riacho timido suspira,

E pela altura, trémulo, esvoaça
O cantico maguado, que perpassa
Das oliveiras na chorosa lira...

OS PRIMEIROS CHRISTÃOS

ANDAVAM foragidos e famintos,
Exilados da vivida alegria,
Tinham a cruz erguida nos recintos,
Onde não penetrava a luz do dia.

Atravessavam negros labirintos,
Ouvindo os écos da imperial orgia,
E, ao clarão dos tocheiros, quasi extinctos,
Adoravam o filho de Maria.

Viviam nas cavernas solitarias,
Errantes, fugitivos, como os páreas,
Surrindo ás virginaes constellações,

E tendo hallucinado e visionario
O olhar,—mais prêso á noite do Calvario,
Que á fauce pavorosa dos leões...

NOBLESSE OBLIGE

HA sevéros retractos de guerreiros
De gesto altivo, forte e lapidar,
No salão, cujos amplos reposteiros
O vento faz, a espaços, oscillar.

Alguns talvez dos nobres cavalleiros
Nos carceres gemeram, apezar
De que os duros, cruentos cativeiros
Não lhes mudaram a expressão do olhar.

Sevéros sempre, a dôr não os consome,
Nem mesmo vendo a herdeira do seu nome,
Jasmim ideal de dôce morbideza,

Escutando, num extase, enlevada,
Os bohemios, que espalham pela estrada
As notas immortaes da Marselheza...

O VARANDIM

. . . . O anime affanate,
Venite a noi parlar, s'altri nol niega.
DANTE.

NUM vélho varandim de ameias rendilhadas,
Um vulto de mulhér, envolta no seu manto,
Escutava febril um soluçado canto,
Vibrante como a voz das aves namoradas.

As ameias então brilhavam como espadas,
Fluctuava no asul um hymno sacrosanto,
Ninguem velava; só, envolta no seu manto,
Ella ouvia as canções leaes e apaixonadas.

Tudo findou; agora, em vez do trovador,
Que os filtros derramou de immaculado amôr,
Aos pés da castellan de cilios de setim,

Eu contemplo de noite, amargurado e mudo,
A haste colossal dum lirio de velludo,
Que se ergue triumphal no vélho varandim...

IDILIO TRISTE

DEPOIS de morto, que ventura enorme
Eu sentirei ao ver, pálida e fria,
Na minha campa solitaria e informe,
A doce amada, que meus passos guia!

Então o vento hade passar, conforme
Passarem seus lamentos de agonia, —
E a lua, a sonolenta que não dorme,
Os acolher na vastidão sombria.

Como incenso em espiras suavemente,
Vagueará no espaço, mansa e crente,
A tua prece,—flôr dos meus anhellos!

O cipreste hade ouvir os teus gemidos,
E hade rasgar-te os lucidos vestidos
A silva que nascer dos meus cabellos...

BEATRICE

Io sono Beatrice...
DANTE.

NUMA floresta muda e silenciosa,
Cheia de apparições e de misterio,
Como as ruas dum grande cemiterio,
A uma claridade duvidosa,

É que eu te vi surgindo, magestosa,
Como, nas solidões do eremiterio,
O visionario via a casta Esposa,
Toda involvida no seu manto aereo.

Tinhas na fronte um resplendôr sagrado,
No olhar um vago filtro illuminado,
Feito de coisas ideaes e bellas...

Voaste, *meteóro!* e todavia
Vejo-te sempre, seja noite ou dia,
Irman das bôas e leaes estrellas!

VÉLHINHA

> Porque será que a multidão maguada
> Geme agora de dôr e de saudade?
>
> LUIZ GUIMARÃES.

ERA noiva no tempo dos francezes:
O noivo, um rapazão, ousado e forte,
Depois das bodas, muito poucos mezes,
Deixou da vida o luminoso norte.

Vergada ao pezo de asperos revezes,
Escravisada pela mão da sorte,
Quantas vezes, chorando, quantas vezes
Ella pediu o extremo alivio á morte!

Agora, quando na festiva aldeia,
Magra, doente, acabrunhada e feia,
Essa triste figura vae passando,

Param as doces, joviaes cantigas,
E das rijas, sadías raparigas
Nenhuma deixa de ficar scismando...

A CELLA

ÁQUELLA porta é que morria a esperança
Do mundo alegre, palpitante e vivo...
Pelas grades, do arco da alliança
Nem um só raio se avistava esquivo.

Quanto seio vibrante de criança.
Se estiolara ali, doce e cativo,
Sem achar um conforto na lembrança
Do deslisar da infancia primitivo!

Hoje a parede amostra-nos sevéra
Dum Christo de pau santo a face austéra,
Cheia de amôr e cheia de piedade...

Sublime, ideal, dulcissimo, sereno,
O meigo olhar do suave Nazareno
Exhala a nostalgia da saudade...

A CIGANITA

E a calma noite, no emtanto,
Ia povoando de estrellas
A vastidão do seu manto.

FORTUNATO DA FONSECA.

CHAMAVA-SE Consuelo; era franzina,
Como uma flôr, que o vento faz dobrar;
Esbelta e esfarrapada, lia a sina
E nadavam-lhe os olhos em luar.

Se os requebros mostrava, airosa e fina,
Das voltas duma dança malabar,
Vinha involvel-a a palidez divina,
E no fim acabava por chorar.

Disse-lhe eu duma vez:—Teu rosto bello
Que dôr occulta o enubla, Consuelo?
Porque chóras? E a meiga ciganita

Murmurou:—Ai de mim! que desditosa!
Debalde a minha sorte busco anciosa,
Nos arcanos da abobada infinita...

MINHA IRMAN

E não me quiz deixar triste ventura
Esperanças de mais tornar a vel-a.
CAMÕES.

QUANDO eu parti, ella ficou chorando,
Todo o seio mimoso lhe tremeu,
Do rosto a côr suave desmaiando
Dava-lhe uns toques de quem já morreu.

Estampava-se a auréola do martirio
Naquella eburnea e santa palidez...
Foi então que eu a vi, timido lirio,
Que eu a avistei a derradeira vez.

Formosa e triste, disse-me:—Até breve! ...
Estreitou-me de encontro ao coração,
E a sua mão, alvissima de neve,
Estremecia junto á minha mão...

Beijei-lhe a fronte. No limiar da porta
Para ella ainda meus olhos estendi...
Quando voltei, vim encontral-a morta,
E nunca mais, e nunca mais a vi!

FILIGRANAS

Este livro não resume
As lutas da nossa idade,
Mas tem o vago perfume
Dos sonhos da mocidade.

Não amarra ao duro poste
Dumas estrofes de bronze
Toda a miseravel hoste
De infames, como Luiz onze.

Não vae revolver oceanos,
Deixa em socego os coraes,
Não rouba á tecla dos pianos
As notas sentimentaes.

No emtanto faz quanto pode
De alevantado e completo,
Sem exagêros na ode,
Sem *parti-pris* no soneto.

Prefere um ceu todo limpo
A um idilio extravagante,
E ás divindades do Olimpo
Paolo e Francesca do Dante.

Se encontra o drama da vida,
Vai deparar-se-lhe o Amôr,
No principio da avenida,
Que leva aos mundos da dôr...

Não segue, não acompanha
Nenhum doirado estandarte:
—Alheio a qualquer campanha,
Põe as escolas de parte,

E vê que o Bello reside
No lugar que lhe compete...
Ou nos salmos de David,
Ou nas tragédias de Göethe.

Bem longe de pretenções,
De que se mostra incapaz,
É o engaste das canções
Firmes, leaes,—dum rapaz,

Que sem ao menos dobrar,
A rija espinha dorsal,
Á van perfidia vulgar
Dum cumprimento banal,

As apresenta ao leitôr,
—Obtida prévia licença—
Como uns restos do lavôr
Das joias da Renascença...

INDICE

Primeira parte — CANÇÕES DE ABRIL

*

Segunda parte — FILIGRANAS

ERRATA

Os versos:

E doce rosiclér, (pag. 47)
E sinto, protegendo-me os ares, (pag. 91)
Que o canto do cristal (pag. 94)

devem ler-se respectivamente:

E suave rosiclér,
E sinto, protegendo-me nos ares,
Que o canto de cristal

Outros erros escaparam, de pouca monta; o leitor facilmente os corrijirá, sem previa indicação.